



A PALAVRA LATINA

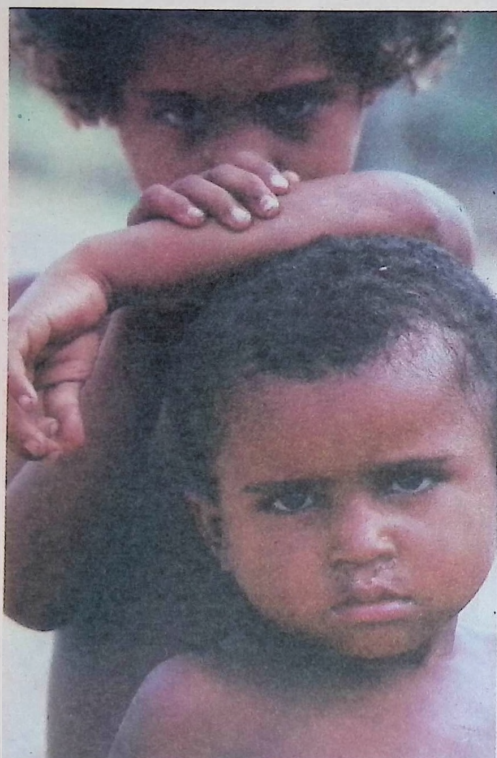
jornal associado ao



"Pela desmistificação do capitalismo e de sua imprensa conservadora, e em apoio às lutas populares legítimas em todas as suas formas"

Ano 2 - número 06 - São Paulo # Março/Abril de 2005 - R\$ 1,00

A terra é de quem trabalha nela



Marcelo Min

Kelly Pauliane, 5 e Léo, 3, vivem no acampamento do MST, às margens da barragem de Xingó, em Canindé do São Francisco.

Luis Ignácio falou: "se eu puder fazer apenas uma coisa em meu governo, farei a Reforma Agrária". Até agora, das 430 mil famílias que prometeu assentar, apenas 120 mil foram beneficiadas. Na Venezuela, após golpes desestabilizadores contra o governo Chávez, a revolução bolivariana começa a ganhar fôlego e, finalmente, a Lei de Terras pode sair do papel. A Palavra Latina comemora um ano trazendo reportagem especial sobre este tema tão antigo e tão em voga, e que nos mantém ainda atados a um passado feudal

3

Protocolo de Kyoto

Apresentado no Japão em 1997, acordo ambiental passou a vigorar em fevereiro deste ano. Propõe a redução de 5,2% das emissões produzidas por combustíveis fósseis até o ano de 2012, a fim de controlar o aquecimento global. Os EUA e a Austrália se recusaram ratificá-lo.

6



entrevista exclusiva

Comandante das FARC, Raúl Reyes, mostra outro lado do conflito que se agrava na Colômbia

5

nesta edição

Análise A juventude tem uma tarefa inedita, combater num mundo onde todos se disfarçam de jovens

4

Fórum Social Mundial Não somente para atirar pedras ao diabo

7

cultura

O que é o MST? "Porque ouvir todos ouvem, mas escutar quer dizer descobrir o que cada som quer dizer"

9

Poucas Palavras

Benedetti, Silvio Rodriguez, Brecht e outros

11

Cinema "Machuca" se desenrola no campo da família e do grupo de amigos

12

Editorial

O Brasil que não avança



Luis Ignácio falou: "se eu puder fazer apenas uma coisa em meu governo, farei a Reforma Agrária". Falou, mas não cumpriu. E agora, em seu penúltimo ano de governo, a falta de ousadia dá espaço ao retrocesso: Severino Cavalcanti, personagem feudal ultra-reacionário, que remonta ao século XIX, assume o terceiro poder do país e já inicia ataques à tão incipiente reforma agrária lulista.

Em uma de suas primeiras declarações como presidente da Câmara dos Deputados, o "coronel" Severino criticou o MST, que, segundo ele, "tem suas falhas terríveis". "Não estou vendo produção, o que estão fazendo no campo é tumulto".

A Palavra Latina comemora um ano de ativismo, retomando o debate sobre reforma agrária, este tema tão antigo e tão presente, diga-se mesmo indispensável, na agenda política e social deste nosso continente atrasado e desunido.

A reforma agrária é um poderoso

instrumento para promover a organização e a emancipação sociais, a efetivação de direitos humanos como o direito à alimentação, ao trabalho digno e ao acesso à terra, o aquecimento da economia no campo e uma melhoria na distribuição de renda e na qualidade de vida da população, segundo um modelo de desenvolvimento mais justo e sustentável. Nesse contexto é até fácil entender porque a reforma agrária ainda é, muitas vezes, propagandeada como ato de radicais.

Entendemos que a luta pela distribuição fundiária é o primeiro passo para o desenvolvimento de uma nação moderna e soberana. A falta de um compromisso governamental com esta causa pode levar a retrocessos inimagináveis, como o que vemos agora no parlamento brasileiro.

Ao contrário do que pensam intelectuais de gabinete ou políticos de plantão, ninguém gosta de viver em acampamentos e passar a vida se arriscando a levar bala de polícia ou jagunço. Como afirma o líder nacional do MST, João Pedro Stedile, "a ocupação é o último recurso, é o sujeito que não tem mais para onde ir, está no inferno e resolve dar um tapa no diabo".

Parceria

Brasil e Argentina: cresce o espaço contra-informativo

A Palavra Latina e o Resumen Latinoamericano unem esforços

Dois meios de comunicação dedicados à contra-informação, no Brasil e na Argentina, decidiram dar um passo fundamental: unir esforços, complementar-se no campo informativo e aumentar, assim a capacidade de chegada a um segmento mais numeroso de leitores. Não é habitual nos tempos de hoje, falar de unidade de critérios, mas ainda assim "A Palavra Latina" e o "Resumen Latinoamericano" (Argentina) optaram por passar da teoria à ação, e a partir de março, notícias de ambos os jornais serão intercambiadas e publicadas nas suas respectivas edições.

Isto só pode acontecer porque há uma importante coincidência político-ideológica na abordagem da rebelde realidade dos povos, em especial da América Latina.

"A Palavra Latina" será a inserção de "Resumen Latinoamericano" no Brasil, e o "Resumen Latinoamericano" introduzirá as vozes e as análises de "A Palavra Latina" em cada uma de suas edições, na Argentina, Paraguai, Venezuela, Espanha e Itália.

O desafio já está lançado, e a partir deste mês, o espaço da informação alternativa, de denúncia, anti-imperialista, anti-racista, e em apoio à crescente unidade de ação dos povos da América Latina conta com este salto de nossas duas publicações.

Humor

MORTE E VIDA SEVERINO



A PALAVRA LATINA

Conselho Editorial: Cassiano Novais, Yuri Martins Fontes e Waldo Lao.

Conselho Político: Bia Rangel, Lincoln Secco, Cesar Cordaro, Ivan Leichsenring, Zanini H., Carlos Aznárez (Resumen Latinoamericano - Argentina).

Imagens: Marcelo Min, Latuff, Maringoni, Waldo Lao e Yuri Martins.

Revisão Final: Ivan Leichsenring
Diagramação e Arte: José Mário Cândido (vermelhinho2@yahoo.com)

Correspondência e Exemplares:
apalavralatina@yahoo.com
3231-0692

www.acepusp.org.br/apalavralatina
Matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Tiragem desta edição: 12.000 exemplares
Periodicidade bimestral

Campanha contra o monopólio da imprensa capitalista

Sociedade
Latina de
Imprensa

A Palavra Latina é um projeto de jornalismo crítico na contra-mão do pensamento único vigente largamente difundido pela imprensa conservadora. O jornal foi viabilizado através da parceria entre a Sociedade Latina de Imprensa e a Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo.

A ACEPUSP é uma entidade política criada e gerida por alunos e ex-alunos da USP e que desenvolve projetos de difusão cultural e socialização do conhecimento pelas classes populares, através de cursos, seminários, debates, manifestações artísticas e comunicação social.

A Sociedade Latina é um agrupamento de militantes unidos em defesa da identidade cultural e política latino-americana. É um projeto de comunicação e reflexão cujo objetivo é o desenvolvimento e a integração de nossos povos através da difusão do seu pensamento, arte e história. Aglutina escritores, cientistas humanos, jornalistas e artistas de vários países em torno dos ideais de liberdade e diversidade.



Reforma Agrária

A luta pela terra no Brasil e na Venezuela

Yuri Martins Fontes, Bia Rangel,
Colaboraram Cassiano Novais e Waldo Lao

Três pontos de vista sobre a questão agrária

A reforma agrária se inicia com a derrocada do modo de produção servil. Torna-se uma bandeira das revoluções burguesas, a partir da Revolução Francesa de 1879, com o intuito de desconcentrar a estrutura fundiária e, assim, consolidar a propriedade privada nacional. Foi realizada em todos os países "centrais". Nos países "periféricos", no entanto, não se completou.

Hoje, os resquícios de uma época feudal ainda perduram no Brasil e vêm à tona, quase cotidianamente, através de episódios como a eleição do "coronel" Severino Cavalcanti para presidência da Câmara dos Deputados e os casos recentes de violação de direitos humanos, do qual a morte da missionária Dorothy Stang, no Pará, foi o exemplo de maior repercussão.

A equipe de A Palavra Latina, para esta edição especial de aniversário, buscou estabelecer um paralelo entre os casos brasileiro e venezuelano. Entrevistou o cônsul da Venezuela, Jorge Luis Durán Centeno e o escritor e jornalista Gilberto Maringoni, autor do livro "A Venezuela que se inventa", que acompanha os acontecimentos deste país vizinho desde o golpe de 2002. Ouviu também o líder nacional do MST, Valquimar Reis (RJ), que comenta os caminhos da luta do Movimento.

A Palavra Latina: Como anda o processo da reforma agrária hoje na Venezuela?

Gilberto Maringoni: Chávez se elegeu, em 1998, com um programa conservador de manutenção dos contratos, não era um programa de esquerda, falava apenas genericamente em aumentar a renda do povo. A Lei de Terras, de 2001, foi parte da primeira investida para intervir na economia. Era uma lei muito moderada. Estipulava que as propriedades acima de 10 mil hectares eram passíveis de reforma agrária. Para ter terrenos acima disso, você devia apresentar a escritura de posse. Se não conseguisse provar, então, a terra seria desapropriada. Isso causou críticas por parte dos donos de terra, porque, assim como no Brasil, ninguém tem papel de propriedade, é tudo terra girada. De lá pra cá, aconteceram três grandes tentativas de tirar

Chávez do poder: o golpe de Estado, em 2002, a paralisação petroleira de dois meses, até janeiro de 2003, e o referendo revogatório, em agosto de 2004. Chávez teve muito pouca condição de governar nestes períodos de enfrentamento pesado. Dada esta condição política, a Lei de Terras não foi efetivada como

devia ser, pois o governo teve que priorizar sua própria sobrevivência. Até agosto de 2004, 100 mil lotes haviam sido distribuídos para construção de moradias populares, mas só em terras públicas. A primeira grande investida contra a propriedade privada foi no final daquele ano, contra a propriedade de um inglês, de 12 mil hectares, que está em processo de desapropriação. Até agora, isso foi o possível.

Jorge Durán: A reforma agrária na Venezuela bolivariana

teve praticamente dois momentos. Primeiro, a agricultura ganhou um papel importante como base estratégica de um desenvolvimento rural sustentável, enfatizado pela constituição, através da Lei de Terras. Depois, a partir do ano passado, as terras ociosas foram postas a produzir, através de micro-créditos agrícolas e do incentivo às cooperativas.

PL: Quais são os principais obstáculos que Chávez enfrenta neste processo?

JD: Desde a promulgação da Lei de Terras, houve vários protestos da oposição, até desembocar no golpe de Estado de abril de 2002, e até hoje esta elite venezuelana continua tentando junto aos tribunais, recursos de amparo e dizendo que essa lei é inconstitucional. Mas o governo está sendo claro em colocar a reforma em prática, e para isso tem o apoio de grande parte da população.

GM: Segundo pude observar, o movimento popular venezuelano é muito desorganizado: 40 anos de recessão fizeram um estrago considerável. A Venezuela nem de longe tem uma sociedade organizada como a brasileira, não tem uma central sindical como a CUT, ainda que você possa criticar a CUT. Não há um partido de esquerda como o PT. Você também pode contestar o PT, dizer que está desvirtuado, mas ele é fruto do movimento de massas. Apesar de existir uma vasta população marginalizada – índios, sem

terra – na Venezuela, não há um movimento camponês reivindicando a reforma agrária de maneira organizada, como o MST no Brasil. Aliás, como o MST não há nada parecido no mundo. Na Venezuela, a reforma agrária ainda não se constituiu numa demanda consciente de setores empobrecidos. Além disso, 80% da população venezuelana está nas cidades e o governo está buscando atender, primeiro, o problema de moradia nas periferias urbanas. Também a produção de alimentos no país é pequena, com grande extensão de terras ociosas. A reforma agrária pode avançar, mas precisa ser uma demanda vinda "de baixo". Não se pode fazer uma revolução só "pelo alto".

PL: E quanto à declaração de Chávez, de que "os camponeses têm que estar armados"?

JD: Esta frase foi muito mal interpretada. Amar os camponeses significa devolver-lhes o que lhes pertence, começando por reafirmar sua cidadania, ou seja, dividir as terras equitativamente, colocando-as para produzir em favor de quem nela trabalha. Amar o

camponês é dar-lhe ferramentas para produzir na terra, é proporcionar-lhe educação. "A constituição bolivariana é a maior arma", diz Chávez.

PL: O que difere a proposta chavista de reforma agrária daquela do MST?

GM: Chávez, reiteradas vezes, tem procurado se aproximar do MST. Diferenças são muitas. Para começar, Chávez é um líder de Estado e o MST, um movimento. Chávez não vai organizar um movimento sem ter base de apoio. O MST tem uma proposta para desapropriar a terra, criar pequenas propriedades e organizar cooperativas para ter produção em escala e, assim, conseguir entrar no mercado – o que eles já estão fazendo, produzindo mel, leite, produtos agrícolas. Acho que Chávez tem muito o que beber desta fonte.

JD: São contextos políticos diferentes. A reforma agrária na Venezuela tem o apoio do governo. Já o MST tem que lidar com vários setores da sociedade brasileira, começando pela oligarquia que tem forte representatividade política dentro da bancada governista

Entrevista com Valquimar Reis, dirigente nacional do MST

Relação governo e MST

"Segue sendo uma relação entre governo e movimento social. Em outubro de 2003, Lula se comprometeu, diante de milhares de trabalhadores e lideranças dos movimentos sociais por reforma agrária, que assentaria 430 mil famílias. O resultado até agora é muito preocupante, o que nos leva a intensificar nossas mobilizações, exigindo que se cumpra o prometido".

Reforma agrária: FHC e Lula

"O governo FHC exerceu uma perseguição sistemática aos movimentos sociais. Manipulou os números e mentiu deliberadamente sobre a quantidade de famílias assentadas. No governo Lula, é preciso reconhecer que houve um avanço considerável na relação com os movimentos sociais, abriram-se canais de interlocuções. Porém, quando avaliamos o que se fez concretamente para implementar o Plano Nacional de Reforma Agrária, o resultado é decepcionante".

MST e Chávez

"Sempre apoiamos e somos solidários ao povo venezuelano por sua luta por

transformações. A aproximação mais recente se deu através de um acordo do MST com o governo do Paraná e o da Venezuela para a criação de uma Escola Latinoamericana de Agroecologia."

Obstáculos

"Uma proposta de reforma agrária não pode vir descolada de um projeto de desenvolvimento para o país. Se não houver clara sinalização, com ações concretas, visando recuperar a estrutura do Estado para torná-lo mais eficiente no atendimento às demandas da grande maioria pobre, este governo seguirá repetindo a mesma irresponsabilidade dos governos anteriores".

Conflitos de terra e as elites

"A truculência contra os pobres que lutam por seus direitos está no DNA da elite latifundiária. Há mais de 500 anos exterminaram grande parte daqueles que aqui vivem, buscaram gente no continente africano para usá-los como escravos e, devido à impunidade, continuam até os dias de hoje aterrorizando."

Revolução e Juventude

Lincoln Secco *

O papel atribuído à juventude nos séculos passados foi o de simplesmente substituir os mais velhos. Ou seja, implicitamente, a juventude foi quase sempre negada. Tratava-se de pré-adultos à espera de sua hora e sua vez.

No início da modernidade, os jovens se tornaram uma categoria social. Nem por isso, fizeram-se portadores das novidades. A derrota dos jacobinos, por exemplo, abriu espaço para os juvenzinhos da época do Diretório: ricos e contra-revolucionários. Contudo, foi somente no século XX que a juventude ligou-se a dois atributos essenciais: o consumismo e o sexo. Afinal, esta categoria pode suportar por mais tempo a ambos, desde que as mercadorias sejam compradas com o dinheiro dos mais velhos. Podia-se falar em juventude (de um modo geral), pois nesta fase em que os corpos ainda não se decompõem a olhos vistos, as classes sociais apagam-se momentaneamente.

Ainda assim, os jovens de classe média não se viam como revolucionários em si e por si mesmos. Os jovens do Partido Comunista Alemão e os do Partido Nazista receberam, por certo, o apelo típico dos anos 20 — quando a política radical os descobriu como base mobilizável — mas não pertenciam aos estratos remediados. Ao contrário, eram majoritariamente trabalhadores (ou desempregados) e com escassa instrução escolar.

Audácia juvenil

Os anos 60 descobriram novos jovens. Membros das classes médias com educação superior em curso, eles passaram a se considerar também uma vanguarda política e cultural. Nunca o

tinham sido. Nos partidos comunistas eles pertenciam às sessões juvenis, mas só ascendiam ao comando (salvo exceções) depois dos 30 anos. Gramsci só assumiu um cargo importante no recém criado Partido Comunista da Itália aos 30 anos, pois no Partido Socialista Italiano, não passara de um influente articulista de jornais radicais. Em 1968, os estudantes descobriram do dia para noite que tinham a possibilidade de parar um país e amedrontar a burguesia combinando protesto político com audácia comportamental. Mas estavam errados. O medo durou enquanto os operários estavam em greve. E a ousadia dos gestos e das vestes foi rapidamente absorvida pelo mercado.

O problema é que os parisienses (dizia Tocqueville) não sabem fazer duas coisas ao mesmo tempo. Assim, têm a hora de fazer a Revolução e a de fazer a festa.

Todavia, maio de 1968 fez outra revolução silenciosa. Talvez ela tenha começado antes com a calça jeans ou o rock, conquistando a hegemonia cultural e a fazendo com a promessa de abolir hierarquias e rituais. Assim, jogou os homens e mulheres de todas as idades em meio a um mundo aparentemente sem diferenças (quando, na verdade, tudo o que se queria era o contrário disso). Os próprios jovens de classe média, ao verem projetadas suas culturas nos meios de comunicação de massas, conquistaram aquilo que Gramsci chamaria de direção intelectual e moral sobre as demais gerações.

revolução silenciosa

Só no século XX
a juventude ligou-se
a dois atributos
essenciais: o
consumismo
e o sexo.

Assim, hoje, todos devem ser jovens qualquer que seja a idade. Afinal, o que importa é o espírito juvenil — convenientemente associado à indústria da estética corporal. Entretanto, os jovens de 68 envelheceram. E houve a tragédia (talvez uma farsa, para lembrar o velho Marx). Antes eram jovens em revolta contra os adultos. Depois, como num conhecido filme aterrorizante, tornaram-se fantasmas que não percebem que já morreram, partilham com seus filhos a mesma cultura, as mesmas vestes, a mesma música, as mesmas drogas. Agindo desse modo, retiram das novas gerações a possibilidade da autêntica revolta.

Agora, embora o distanciamento histórico ainda não permita concluir com segurança, pode-se dizer que a juventude “meia oito” conseguiu um feito único: projetou sua hegemonia “geracional” no tempo. E a fez, negando-se a envelhecer; e ao fazê-la, cometeu o ato mais egoísta de libertação: liberou-se a si própria, concomitantemente em que escravizou para sempre todas as gerações futuras. Doravante, estas não poderão mais romper tabus, pois os velhos jovens de 68 aparentemente já romperam todos.

A juventude atual deveria procurar suas próprias armas. Mas têm uma tarefa inédita. Precisa combater num mundo onde todos se disfarçam de jovens.

* |professor do Departamento de História da USP|

MANIFESTO



QUE É O HAITI?

Uma pequena nação numa ilha do Caribe que, em 1804, ousou abolir a escravidão e conquistar a independência, revelando para a América e para o mundo o caminho possível da liberdade e da igualdade. Cercada pelo exército francês e de outros países e sem poder resistir, teve que pagar à França uma “compensação” em milhões de francos-ouro pela perda da propriedade (terras e escravos). Pagou pela sua independência e paga uma dívida externa de um empréstimo que não foi aplicado em prol da população. E paga até hoje o preço da sua rebelião: sofre ameaças constantes à sua soberania, foi e está sendo mutilado e perseguido, além de transformado em um país cada vez mais economicamente dependente. A maioria da população vive abaixo da linha da pobreza, com um índice altíssimo de analfabetismo e sem recursos de saúde. Após a passagem de dois furacões no segundo semestre de 2004, a constante situação de precariedade deu lugar à calamidade pública; os haitianos estão vivendo em estado subhumano, sob a sujeira e a lama, bebendo água de esgoto, passando fome intensa e padecendo de doença como tifo, cólera, leptospirose e outras, para não falar do alto índice de aids e de outros males.

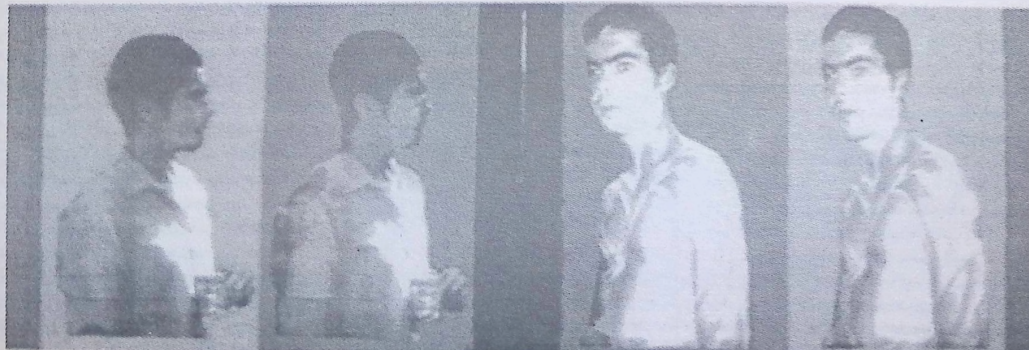
Contudo, a resistência deste povo continua em alta; faz tremer os países ricos que, ainda agora, sentem-se ameaçados por este país negro que se recusa a obedecer às suas ordens e acatar a sua tutela e continua se rebelando contra a presença de tropas de 20 países em seu território em nome de uma segurança e uma paz que não existem. Quem somos e para que viemos?

O Comitê Pró Haiti foi fundado para apoiar a luta que o povo haitiano trava para recuperar a sua dignidade, para fazer respeitar a sua soberania, para escapar da miséria e do analfabetismo e de toda a sorte de mazelas que vem sofrendo por conta de freqüente intervencionismo e da inação da comunidade internacional.

Somem-se a nós, para que a soberania do Haiti não fique só na utopia.

Diga NÃO ao papel da ONU que envia tropas de “paz” e não libera os US\$ 1 bilhão e 300 milhões que foram arrecadados para a reconstrução do país.

Diga SIM à pressão para que a França devolva o dinheiro que o Haiti pagou pela independência.



Nicholas

Guerra civil tende a se agravar

O comandante das FARC, Raúl Reyes, mostra outro lado do conflito que há mais de meio século amarga a Colômbia: "a guerra é o cenário de um confronto de classes"

Yuri Martins Fontes

Por décadas o governo colombiano, alternadamente liberal ou conservador, insistiu na tese dos "dois demônios": paramilitares à direita e guerrilheiros à esquerda. Segundo esta teoria, os mercenários paramilitares só existiam porque existiam "radicais" que insistiam em não depor as armas para dialogar.

Esta retórica, contudo, foi desmentida pela história, quando algumas vezes guerrilhas baixaram armas e conformaram partidos. Como resultado, tiveram centenas de seus líderes políticos assassinados.

Além disto, o discurso dos "dois demônios" serviu também para ocultar massacres que os mercenários direitistas efetuavam em povoados supostamente "amigos das guerrilhas". Isto durou até o fim do ano passado, quando o "jogo" começou a ser mais aberto. O presidente Uribe, aliado incondicional dos EUA, resolveu "anistiar" os paramilitares que entregassem as armas. Na prática isso significa a legalização destes mercenários, segundo era de interesse dos EUA, em seu projeto de comandar com mais centralismo a guerra local.

A Colômbia é atualmente o segundo país do mundo em investimentos dos Estados Unidos, após Israel. O Plano Patriota, que veio a substituir o fracassado Plano Colômbia, continua a aportar bilhões de dólares ao país, sob a forma de armamentos de guerra – inclusive armas químicas – inteligência e infraestrutura militar.

No entanto, apesar desta política de enfrentamento, os principais grupos rebeldes do país – as FARC e o ELN – não sofreram abalos estruturais

YMF: Como está a guerra na Colômbia, depois da implantação do Plano Patriota por Uribe e Bush?

Raúl Reyes: Caros companheiros, antes de tudo cumprimentamos-lhes com um abraço guerrilheiro e bolivariano e agradecemos a oportunidade de nos dirigir a seus leitores, para que recebam informações que gerem confiança na luta por justiça, que venham reforçar a esperança de nossos povos explorados, algo tão imprescindível como se alimentar para resistir ao combate o tempo que for necessário.

As tropas do Exército do Povo estão enfrentando o Plano Patriota com grande espírito de sacrifício, sentido de pátria e consciência que garantem nossa firme vontade de lutar pela construção de uma nova Colômbia, justa, digna, soberana, independente e em paz.

A guerra na Colômbia é o cenário de um confronto de classes, pois por um lado existe a oligarquia liberal-conservadora que se agarrou ao poder, se ajoelhou ao Império, construiu instituições para benefício de seus interesses e fez da violência sua forma normal de governar, colocando as armas da República contra o povo. No século passado o povo colombiano perdeu mais de um milhão de cidadãos, entre homens, mulheres, crianças, idosos, indígenas, padres, sindicalistas, políticos de esquerda e jornalistas. A oligarquia promoveu esta matança para se manter no poder.

Sempre temos mantido, como fundamento de nosso trabalho político, a busca da solução dos problemas do povo colombiano por outras vias que não a guerra,

porque esta, nada resolve, ao contrário, só agrava. O enfrentamento atual só tem trazido baixas para ambos os lados. Não costumamos falar de cifras, mas segundo nossos informes, as baixas do exército governamental a mando dos EUA e do narco-paramilitar Uribe Vélez são muito superiores às nossas. Ademais, é crescente a inconformidade dentro do próprio exército oficial, em relação ao Plano Patriota. De outro lado, nossos homens e mulheres em armas, mantêm alta a disposição combativa, e plena a consciência do dever revolucionário de lutar pela paz com justiça social. Este Plano será outro fracasso, como foi o Plano Colômbia.

YMF: Quais as exigências e propostas das FARC para um cessar fogo?

RR: O atual governo não sabe nem quer saber de diálogo, de negociação, nem de paz, nem de nada que se pareça com isso porque está convencido de que vai ganhar a guerra. Sua política principal é a guerra. É um grande erro pelo qual a oligarquia pagará alto. O que a Colômbia precisa hoje é de um governo de reconciliação, de reconstrução, que se dedique a resolver os problemas fundamentais de seu povo, atendendo ao mais essencial, que é o direito de se viver dignamente.

YMF: Como está a situação da troca de prisioneiros de guerra?

RR: Nossa proposta é o intercâmbio humanitário, que consiste em que o governo desmilitarize dois municípios do Valle del Cauca, para que possamos nos sentar a negociar cara a cara, e estabelecer os termos que cada lado deve cumprir para entregarmos os prisioneiros políticos que temos nas montanhas e recebermos os nossos guerrilheiros detidos nas prisões. O clamor nacional e internacional pela troca humanitária nos mostra que esta é a saída. Contudo, em 2004 foi sequestrado Simon Trinidad e agora Ricardo Granda, em territórios de países vizinhos. Ambos andavam em missões de paz, algo que não apetece ao senhor Uribe.

YMF: Apesar da imprensa conservadora, como é o apoio das FARC junto ao povo?

RR: O povo que sofreu tanta violência e há tantos anos, foi criando mecanismos políticos para se defender e organizar, e para abrir as comportas da luta revolucionária contra o Estado repressivo e contra os governos que fizeram do terrorismo de Estado uma prática recorrente de se fazer política. Nós queremos arrancar este mal pela raiz, para que floresça uma pátria soberana onde se possa alcançar o maior grau de felicidade possível: saúde, educação, terra, emprego, distribuição do produto das riquezas, aposentadoria digna e



Yuri Martins Fontes

etc. O agravamento da guerra só tem levado a um número cada vez maior de exilados de suas terras, já que o governo fascista obriga os camponeses a vender suas terras por preços irrisórios, sob a acusação de que eles seriam "auxiliadores da guerrilha".

YMF: Como é a organização interna das FARC, e como andam as relações com os outros grupos insurgentes do país, o Exército de Libertação Nacional e o Exército Popular de Libertação?

RR: Somos um exército distribuído em mais de 60 frentes, coordenadas por 7 blocos. Além disto contamos com colunas móveis, guerrilhas urbanas e rurais, e milícias bolivarianas. Para a organização das massas temos o Partido Comunista Clandestino e o Movimento Bolivariano pela Nova Colômbia. Somos um movimento revolucionário nascido e fortalecido nas entranhas do povo colombiano. Com as guerrilhas do ELN e do EPL mantemos relações fraternas, de aproximação e de busca de unidade estratégica até o objetivo que é a tomada do poder político. Em algumas regiões já agimos juntos.

YMF: Como lhe parece as atuações de Lula, que por um lado discursa em prol da união dos países pobres, mas por outro pouco tem feito de prático e profundo na política social e agrária do país, e quais as chances de uma real integração bolivariana na América?

RR: Somos um povo com os mesmos costumes, a mesma história, e temos uma mestiçagem que nos converteu em um pequeno gênero humano, somos afetados pelos mesmos problemas gerados por um inimigo comum e cremos que o destino é o mesmo: a segunda e definitiva independência. Nenhum de nossos países necessita das nefastas receitas do FMI. Em cada país o processo de integração tem suas próprias características. "Unamo-nos e seremos invencíveis", nos diz Bolívar.



Raúl Reyes

O sistema insustentável que prega um desenvolvimento sustentável

Dimitri Silveira *

Foi durante a década de 70 que a questão ambiental começou a ganhar importância em escala planetária, trazendo à tona o debate sobre desenvolvimento econômico dos países conciliado à preservação do meio ambiente. A degradação ambiental, até então entendida como resíduo inevitável do progresso e da expansão capitalista, salta aos olhos de todos e já não pode mais ser considerada simplesmente como um inconveniente necessário. Ainda hoje catástrofes ambientais como derramamento de óleo nos oceanos, desmatamento desenfreado, extinção de espécies animais e vegetais etc, causam indignação perante muitos.

Diante dessa nova situação, governos e organismos internacionais foram obrigados a incorporar a questão ambiental em seus programas para apresentar uma resposta à opinião pública. Sendo assim, em 1972 a ONU organizou a Conferência Internacional para o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia, e terá continuidade com mais duas atividades semelhantes: a Rio 92 (ou Eco 92) e no ano de 2002, a Conferência de Johannesburgo, também chamada de Rio+10.

Em 1983, a ONU cria a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, apresentando o relatório "Nosso Futuro Comum", no qual divulga o conceito de "desenvolvimento sustentável", ou seja, desenvolvimento para atender às

necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras também atenderem as suas.

Conferências "de fachada"

Desde a conferência de Estocolmo até a de Johannesburgo em 2002, passando pela Rio 92, pouca coisa mudou no combate à degradação ambiental. Relatórios são apresentados, notícias alarmantes são veiculadas, metas e prazos são estabelecidos e tudo isso para quê? Para dar a falsa impressão de que algo está sendo feito pela qualidade de vida na Terra. Dessa forma, tenta-se amenizar as pressões da opinião pública e ganhar tempo

para que grandes empresas possam aperfeiçoar, não as tecnologias antipoluentes, mas as que, de maneira mais sofisticada, servem para continuar poluindo. Até mesmo os especialistas em meio ambiente reconhecem que os prazos e metas estipulados deveriam ser levados mais a sério.

Os países avançados, que por sua vez também são os maiores poluidores do planeta, geralmente se comprometem de forma muito tímida com as reduções na emissão de poluentes, porque isso significa um custo muito elevado. Um

exemplo foi o *Protocolo de Kyoto*, apresentado no Japão em 1997, e que passou a vigorar em fevereiro deste ano. Propõe a redução de 5,2% das emissões produzidas por combustíveis fósseis até o ano de 2012, uma maneira de minimizar o aquecimento global.

Entretanto, os EUA e a Austrália recusaram ratificar esse protocolo e os

demais países ricos comprometeram-se com metas irrisórias. Portanto, as conferências da ONU sobre o tema, ao invés de combaterem as causas da degradação ambiental, nada fazem senão criticar seus efeitos.

Assim, diante do sistema capitalista, o conceito de desenvolvimento

sustentável torna-se insustentável. Basta lembrarmos que o sistema de mercado não existe para atender as necessidades das pessoas, mas sim aos desejos dos consumidores e ao lucro dos capitalistas. Portanto, discutir preservação ambiental é debater também concepção de sociedade. Mas estarão os países imperialistas e as elites das nações subdesenvolvidas dispostas a mudanças e sacrifícios em prol do meio ambiente e da humanidade? A devastação da Floresta Amazônica, por exemplo, não terá fim enquanto a vegetação for encarada como fonte de lucro e não de vida.

O capital é o grande devastador, o grande poluidor. Ou acabamos com o capitalismo ou ele acabará com tudo o que a natureza levou anos para construir. Somente uma sociedade organizada de acordo com os reais interesses da humanidade, uma sociedade socialista, será capaz de garantir um futuro saudável a todas as espécies. Cabe aos trabalhadores e jovens tomarem o futuro em suas mãos.

Insurgência Asiática

Índia

Rebeldes maoístas atacaram delegacia na Índia e matam 5 policiais e um preso. Eram cerca de 20, os guerrilheiros denominados "naxalitas". No fim do ano passado, dois dos maiores grupos rebeldes indianos, o Grupo de Guerra do Povo e o Centro Comunista Maoísta se uniram. Grupos maoístas atuam em 28 estados indianos, e alguns são ligados aos rebeldes do Nepal. Recentemente as autoridades indianas prenderam quase 2 mil manifestantes em repressão às convocatórias pela celebração da fundação do Partido Comunista da Índia (Maoísta). Centenas dos participantes do evento foram espancados pelo governo "democrata" pró-EUA, inclusive mulheres e crianças.

Nepal

Nesta nação vizinha à Índia, os insurgentes maoístas já detêm 68 dos 75 distritos do país. A polícia oficialista já foi expulsa de toda a zona rural. Funcionam atualmente apenas 100 delegacias, das 1135 do país que vive a guerra já há 8 anos. Entre 1996 e 2001, um grupo de menos de duas dezenas de homens mal armados se transformou num exército regular. No início deste ano, o rei Gyanendra – acusado de haver matado toda sua família – suspendeu os direitos civis e agora governa com poderes absolutos. A "democracia" parlamentarista da Índia apóia o ditador vizinho com armamentos. A hipótese de vitória dos rebeldes socialistas nepaleses, segundo analistas políticos, é grande. As alianças entre os rebeldes dos dois países preocupam o governo indiano, mas o principal temor é relativo ao encorajamento ideológico dos guerrilheiros de seu país, em caso da queda do regime vizinho.* (YMF)



* [Movimento dos Sem-Educação e tendência Socialismo Revolucionário, /PSOL]

Dissensos e utopias: a Babel se reconstrói?

Bia Rangel *

Nos últimos dias de janeiro, a avenida que margeia o Rio Guaíba, em Porto Alegre, ganhou significado diferente em meio ao rotineiro ir-e-vir da capital gaúcha. Espinha dorsal do Fórum Social Mundial 2005, ela se transformou na Marquês de Sapucaí da chamada “geração dos fóruns”, ou seja, o público ativista de 155 mil pessoas e 6.588 organizações, de 135 países, que evoluíram pela multicolorida passarela de idéias, manifestações e propostas, nas 2.500 atividades programadas.

Essa é a geração que, todos os anos, peregrina a Porto Alegre (exceção feita à edição de 2004, em Mumbai, Índia) não meramente para atirar pedras ao diabo “num ritual sem maiores conseqüências”, como alfinetou o escritor português José Saramago, alertando para o risco de o “acontecimento” Fórum esvaziar-se de propostas e contentar-se em ser catarse coletiva, momento de expurgar os “males” da humanidade de forma ritual, comparável à ida dos muçulmanos à Meca.

Dissentir é uma palavra que, possivelmente, melhor traduza a tarefa ali colocada para essa geração. Isso o próprio Saramago não se furtaria a reconhecer. E dissentindo, resistir – uma resistência não armada, mas cultural e social, tomando de empréstimo o comentário do argentino Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz. Dissentir e resistir para, completando, mudar. Tripé que surge bastante mais poderoso – porque mais aglutinador, rico de significados – do que a imagem-provocação criada em torno de pedras e diabos e males e muros e Mecas. Mas, antes de afirmar a mudança – esta que vem na mensagem do slogan Um Outro Mundo é Possível –, enfrentamos o quê? Um desafio de imaginação, como propôs

Esquivel? Não seria pouco.

Dai os figurões do FSM nos arremessam para caminhos que se bifurcam, sem verdadeiramente se distanciarem. De um lado, Saramago respinga umas gotas de desencantamento crítico, sugerindo a retirada da palavra utopia do dicionário: “O que transformou o mundo não foi a utopia, mas a necessidade. Ela é útil a curto prazo mas, então, não se chamaria utopia, mas trabalho e dedicação”.

De outro, o uruguaio Eduardo Galeano limpa o campo de visão: “A utopia está no horizonte. Eu sei perfeitamente que nunca a alcançarei. Se caminho dois passos, ela se afasta dois. Se caminho dez passos, ela fica dez passos mais distante. Para que ela serve, então? Para caminhar.” E Ignacio Ramonet, diretor do jornal Le Monde Diplomatique, invoca os “quixotes e quixotas” do FSM: “O Fórum é um projeto louco que conseguimos fazer. Uma utopia concreta. Isso é uma Babel reconstruída, fraterna, democrática e que quer transformar o mundo”.

Que vivemos entre o ontem e o amanhã, que pisamos em um chão antigo, preenhe e nosso, parece coisa simples de entender, reconhecer. Que o jeito de fazer transformação é babélico, plural, temos aí um dos desafios. As utopias transitam. Quando Hugo Chávez diz: “Sou um dirigente político de novo tipo, mas inspirado em velhos tipos”, vai acionando em seu discurso uma extensa coleção de “velhos tipos” – de Cristo (para ele um dos grandes anti-imperialistas da História) a Bolívar, passando por Che Guevara, Mao, Luis Carlos Prestes, Zapata e Sandino –, peças de um “repertório compartilhado” pelos que passavam ali, naquela Babel reinventada. Chávez reverencia, atualiza e ali-

nha-se à tradição de figuras emblemáticas da resistência latino-americana e mundial. O efeito de suas palavras é imediato, arranca maré ensurdecadora de aplausos, a geração dos fóruns se sacia.

Seu falar tem requintes de cronista. Faz discurso para a multidão do mesmo jeito informal que conversa com os venezuelanos que completam a chamada telefônica em seu popular programa “Alo, presidente”, transmitido pela rede pública de TV. Aproveita as câmeras acesas no FSM e manda recado para o amigo da ilha: “Um abraço, Fidel!”.

Mas a substância do discurso decorre também das práticas trazidas pelo presidente. A imagem do Chávez bufão, que a mídia do consenso tanto se empenhou em construir à época da tentativa de golpe na Venezuela, em abril de 2002 (e da qual temos uma vibrante e consistente denúncia no documentário *A Revolução Não Será Televisada*), hoje se dispersa. Seja nas rodadas de diálogo com países latino-americanos, seja nas consultas populares sobre sua permanência no poder, ou na visibilidade dos programas governamentais batizados de “missões”, a experiência da Venezuela vem apontando alternativas ao caminho único das políticas neoliberais. Motivo suficiente para a solidariedade que se viu em Porto Alegre.

Levamos do FSM, então, uma colagem de idéias, visões, denúncias, propostas, práticas, discursos, mais ou menos “prós”, mais ou menos “contra”, velhos, inovadores, todos importantes, já que as respostas para esse “outro mundo possível” não estão prontas. So-bram, então, as utopias... So-bram mais?

* [Jornalista]

Ativistas são presos no Fórum Social Mundial

Durante discurso de Lula em Porto Alegre, a Brigada Militar gaúcha reprime e agride a oposição presente

Zanini H. *

Verônica Rodrigues e Robson de Oliveira são os dois militantes que, em fevereiro de 2004, atiraram uma torta contra o rosto do então Ministro do Trabalho Ricardo Berzoini, na solenidade de posse do Conselho Consultivo do Consórcio da Juventude, em Fortaleza. Desde então, os dois ativistas vêm sendo acusados pelo Ministério Público Federal e respondem a um processo por “desacato à autoridade”. Segundo Verônica, depois da “tortada”, já foram identificados pela polícia e expulsos de diversos atos e manifestações.

Na sexta-feira, 27 de janeiro, durante o ato no Gigantinho, quando Lula faria um discurso justificando sua viagem ao Fórum Econômico Mundial, em Davos, Verônica e Robson foram novamente identificados, desta vez pela Brigada Militar-RS, e retirados algemados. Estavam junto a um grupo de pouco mais de trinta ativistas que, tendo conseguido entrar no poliesportivo, praticamente reservado para uma espécie de “tortada organizada” do PT, manifestava-se contra o governo de Lula. O ato na verdade tratava do lançamento de um novo programa, supostamente desenvolvido com o objetivo de combater a desigualdade social e a miséria. Como pano de fundo, ouvia-se a música da campanha presidencial de 2002, tocado insistentemente.

Jogados em um camarão, ambos foram conduzidos a um vestiário e mantidos em banheiros separados. “Fomos deitados e algemados com as mãos para trás. Não houve qualquer explicação. Fomos

separados no vestiário e constrangidos. Não há qualquer ordem de prisão contra nós, inclusive a primeira audiência do processo sequer foi realizada”, afirma Verônica. Segundo ela, a promotora sinaliza com uma espécie de acordo entre as partes: alguma pena alternativa como a prestação de serviços ou o pagamento de uma multa. “Mas não vou aceitar qualquer proposta, pois não estou arrependida do que fiz”, declara.

Perguntada se havia visto alguma relação entre a “tortada” no ministério e sua prisão, Verônica foi incisiva: “Não pudemos saber em nenhum momento a razão de nossa prisão, mas estava claro que era por conta dos acontecimentos do ano passado”.

Duas horas e meia depois de serem mantidos algemados, ambos foram encaminhados ao IML. Após os exames foram liberados sem explicação alguma a quilômetros do local onde se encontrava o restante do grupo.

Militantes dos grupos Crítica Radical (www.criticaradical.cjb.net) e União de Mulheres do Ceará, Verônica e Robson afirmam que estudarão as ações necessárias para esclarecer o caso, inclusive como forma de defesa para possíveis novas investidas que visem reprimir suas participações em atos de protesto. São categóricos nas críticas ao sistema capitalista, o qual entendem viver seus últimos momentos.

“O capitalismo está em crise, não tem mais saída e sua principal fonte de sustentação, o trabalho, está em extinção. Essa é a tarefa do governo Lula: governar a crise e definir como prioridade a sobrevivência do sistema, sem se importar com quantos morrem de fome”, denunciaram os dois ativistas.

* [Coletivo GH]



Eduardo Bazem/AE

Ivan Leichsenring

81 milhões de escravos, heresia monástica: pela razão simples e bonita que um homem privado — quem sabe — declarara ambicionar a lira, mas as cordas,

135 milhões de escravos nem lembram dos sábados, domingos e feriados; nem lembram de honrar ao pai e à mãe, só às dívidas dos mesmos pais e mães; nem levantam falso testemunho, para isto basta Moisés. Cobiçar a mulher do próximo? Nem a casa alheia e bens, porque só bens

270 milhões de escravos violados, esqueléticos de ventre e amor: intocáveis pela ignorância, fanatismo, preconceito e ódio; incorpóreos pelo silêncio e compaixão doutros escravos; imprudentes explorados e inabaláveis status. Um pequeno M., normal, seis anos, pesquisa de profissionais de educação e psicólogos diz que o sentimento "amor" é quando nos magoam e não gritamos. Se se sabe que isto fere nosso ato de amor, estamos

432 milhões de escravos.



Perguntando, caminhamos

"O socialismo tem que ser criado por nós mesmos. Não é moleza mesmo não. Os que têm sabença de burro velho ajudam os que têm coragem de tigre moço. Porque ouvir todos ouvem, mas escutar quer dizer descobrir o que cada som quer dizer. E uma pergunta bem feita dói mais que chute no saco". (Velho do Rio)

Dizem os zapatistas que os homens e mulheres verdadeiros para caminhar perguntam, para chegar se despedem e para ir embora se saúdam. Nunca estão quietos e comportados. Alguns filósofos também concordam que fazer uma boa pergunta é bem mais que a metade do seu ofício. Não sei se a nossa questão é tão boa que nos dispense da tentativa de resposta. Mas com certeza não é tão cabeluda assim para doer tanto no saco. Então pesca essa: o que seria realmente o MST? Qual é afinal sua "ideologia"? Examinemos o balaio das opiniões mais manjadas.

Muitos anarquistas, por exemplo, viram as caras e o rotulam "marxistas-leninistas, autoritários". Já "comunistas" só de carteirinha rebatem: "anarquizantes". Para alguns políticos profissionais do PT são uns "irresponsáveis porras-loucas". Pros partidos "radicais" eles não passam de "reformistas". Já para o PSDB são "revolucionários profissionais". O PMDB considera o movimento como um "perigo para o país" (por país entenda-se, seus latifúndios). O PFL considera-o, nas internas, simplesmente como "filhos-da-puta". A UDR acha que são "ratos que precisam de veneno". A campeã de disparos é a revista Veja. Já lançou "baderneiros", "messiânicos",

"madraçais", "delirantes", "fanáticos" e "anacrônicos". O Estado de São Paulo não fica muito atrás, diz que são "criminosos", "terroristas" e "autênticos revolucionários" — não necessariamente nesta ordem.

Em compensação, para o escritor José Saramago, o cantor Chico Buarque, o linguista Noam Chomsky e para o fotógrafo Sebastião Salgado, para citar alguns, o MST é "um movimento civilizador".

A mídia capacho do sistema capitalista já denunciou ligações com o Sendero Luminoso, Fidel Castro, zapatistas, sandinistas, com a China, o PCC, Igreja, governo, ONGs européias, com os piqueteiros argentinos, indígenas latino-americanos etc, etc e tal.

Os ateus acusam de "igrejeiros". As cúpulas das Igrejas de "vermelhos". O pai-de-santo diz que tem "muito crente". O crente que "tá cheio de católicos e espíritas". Os católicos dizem que "perderam o controle". Os racionalistas reclamam que "dão para a fé e a mistica um peso enorme", e os místicos profissionais, dizem "que essas análises de conjuntura não servem para nada".

Especialistas dos serviços de inteligência brasileira garantem "tem características de um exército regular" e

um ex-guerrilheiro, hoje integrado, lamenta "tem muito velho, criança e mulher". Os "agrobóys" xingam de caipiras "jecas-tatus". Doutores de Oxford garantem que "tem características de partido político e movimento social. Sua cultura política é sofisticada e híbrida". Técnicos do INCRA possuem estudos que confirmam "não tem a mínima vocação para o trabalho rural". Estudiosos brasileiros carimbam "é o maior movimento camponês do mundo". Pros ricos são "um perigo contagioso". Pra classe média "vagabundos".

Dirigentes do MST dizem que os jornalistas, como de praxe, erraram feio. As ligações mais óbvias são com os procuradíssimos revolucionários: Jesus Cristo, Zumbi dos Palmares, Dandara, Sepé Tiaraju, Antônio Conselheiro, Martin Luther King, Gandhi, Samora Machel, Amílcar Cabral, Patrice Lumumba, Agostinho Neto, José Martí e Rosa Luxemburgo. Mas um recém-acampado já me garantiu que "fora aqueles dois velhos barbudos, o maior teólogo do movimento é esse tal de *Cáquerana* meio cabiludo".

E pros pobres? Bem, pelo menos para um deles, o sagaz Rubinato, o Movimento dos Sem Terra "só pode ser definido com uma complicada operação das matemáticas cabalisucas, mesmo porque rótulo mesmo é só pra cerveja". E num pedaço de jornal velho rabiscou isso:

MST = movimento social + partido político + torcida organizada + escola de vida e samba

(romaria espiritual) + [justiça x reforma agrária] + dignidade > latifúndio (7% Jesus, 2% Zumbi, 1% Paulo Freire os outros 90% é nós mesmo,



"O mundo que queremos é um mundo onde caibam muitos mundos"

Por que os zapatistas não são convidados ao FSM?

Waldo Lao

Em debate no Fórum Social Mundial sobre o Zapatismo, a economista da Universidade Nacional do México, Ana Esther Ceceña comenta: "A partir do momento em que se começaram a falar dos grupos terroristas e das organizações armadas da América Latina, os Zapatistas foram consideradas terroristas. Depois do 2º Fórum, o comitê organizador começou a causar um pouco de problema ao analisar o caso dos Zapatistas, e creio que nós não fizemos nada para que eles estejam aqui. Apesar do que diz o comitê internacional, o fórum somos nós e temos que impor nossas condições também".

Se a proposta do FSM é criar um outro mundo possível, como se pode criar esse novo mundo, se não se consideram os movimentos armados parte do processo? Como se a luta armada não fosse uma forma de resistência legítima, contra um governo que só sabe responder com mais violência nas zonas autônomas rebeldes.

Os Zapatistas desde sua aparição ao cenário mundial em 1º de janeiro de 1994, surgiram desafiando ao pensamento único e dogmático, propondo novos significados e imaginários, que através do grito "Ya Basta", são hoje uma referência mundial que despertou a esperança de uma utopia que parecia quase perdida — a luta contra o neoliberalismo.

Pode-se não concordar com as formas pelas quais os movimentos assumem suas lutas, mas isto nunca será suficiente para se sobrepôr à causa que os levou a elas, como a última medida justa e necessária contra o esquecimento, para recuperar tudo aquilo que em 500 anos lhes foi roubado: a história, o território e o mais importante, a dignidade.



Marcelo Min

La revolución bolivariana silenciosa vista por el Frei Ernesto Cardenal

“No se trata sólo de un líder carismático sino de un pueblo detrás”, dice el poeta sandinista

Ernesto Cardenal*
do Resumen Latinoamericano

Había llegado a Caracas invitado al Congreso de Intelectuales y Artistas en Defensa de la Humanidad, a los 350 asistentes nos dividieron en numerosos grupos enviados a ver las obras de la revolución por toda Venezuela hasta en el Orinoco. A mí me tocó visitar los «Cerros» de Caracas, que son los que en otras partes llaman favelas o chabolas o villas miseria. En otras partes están ocultos, aquí no. Se ven desde dondequiera, y en pleno cielo.

La pobreza que vimos es la que habrá en todo lugar donde hay barrios pobres aunque uno no los ve. Pero aquí nos encontramos con una gran sorpresa. Muy, muy adentro de ese barrio de 1 millón de habitantes, que es uno de los varios municipios pobres de Caracas, había un modernísimo hospital como sólo podría ser un hospital para ricos, pero era gratis para todos, y una dentistería y una óptica. Cerca, hay una farmacia con las medicinas rebajadas el 85% de su precio. Las recetas en el hospital son gratis.

Más allá había una fábrica de calzado y otra fábrica textil, manejadas por cooperativas y construidas para dar trabajo a los desempleados. Supimos que allí daban alimentación gratis a 90.000 personas, y que ese programa había en toda Venezuela. Visitamos una Casa de Alimentación, que era casa particular donde una señora preparaba diariamente comida para unas 200 personas. Vimos un Mercado Popular, donde los precios están rebajados el 40%, y de esos hay en toda Venezuela. Son más de medio millón los que son atendidos por los Comedores Populares, algunos gratis. Y ahora el pueblo podía comer carne y pollo todos los días, me dijeron en los cerros.

En Venezuela hay cerca de 25 millones de habitantes, y de esos, 17 millones estaban excluidos de los servicios de salud. Ahora el 85% de la población tiene cobertura de salud pública. Se han descongestionado los servicios de emergencia. Hay 20.000 médicos para los

pobres, casi todos cubanos. Estos son alojados por la comunidad y viven en las mismas condiciones que la demás gente. Los médicos venezolanos no fueron formados para esto, y por eso hay pocos venezolanos entre ellos. Y esta es la diferencia entre que haya una revolución o no. En los cerros de Caracas donde estuvimos, los médicos cubanos se alojaban en casas del barrio.

Un pueblo alfabetizado

Se estaban terminando de alfabetizar el millón y medio de analfabetas que había en Venezuela. Ahora 13 millones de venezolanos estaban estudiando. Se dan clases hasta en los últimos rincones de Venezuela, y hasta a los indios de la selva, a los que se les enseña en sus lenguas. Hay desayuno, almuerzo y merienda en la mañana y en la tarde.

Cuba contribuye también a la educación con asesores y con videos y folletos. También fue una sorpresa para mí ver una colección de libritos de bolsillo de los que se publican 1 millón de ejemplares cada uno y son dados gratis a la población. Hay 20 publicados.

Un ejército popular

El ejército de Venezuela tiene una particularidad especial y es que es el ejército de Bolívar, y se llama Ejército Libertador. Es un ejército marcado por las ideas de Simón Bolívar. Hay la particularidad de que ese ejército nunca ha pasado por la Escuela de las Américas. La formación la han tenido en Venezuela, y ha sido una formación humanista.

Han estudiado ciencias políticas, se han graduado en universidades y allí se han relacionado con universitarios. La revolución de Chávez no es una revolución improvisada, y no es sólo de él, sino que es una revolución que se ha venido gestando desde hace años en los cuarteles. Estos militares estudiaban a Marx y a muchos otros autores, entre ellos a Mao Tse Tung.

Allí tomaron conciencia de darle felicidad al pueblo, y que un ejército debía ser agente de cambio social. Estos



Resumen Latinoamericano

se graduaron y pasaron a ser instructores de nuevos oficiales. Enviados a enfrentar las guerrillas se encontraron más que con los guerrilleros, con la pobreza de la población. Ellos mismos eran pobres, como Chávez que había sido un niño descalzo que vendía dulces en las calles.

La revolución venezolana no es sólo un líder carismático sino un pueblo detrás. Los enemigos han hecho la caricatura de un carisma que parece cómico, y una popularidad que es totalitarismo. Lo cierto es que en Venezuela para muchísimos se está cambiando la vida. En 1999 Chávez en

China ante la tumba de Mao declaró que Venezuela se había levantado como lo había hecho China 50 años antes con Mao Tse Tung.

Cuando me preguntaban en aquellos cerros qué se decía en el extranjero de lo que ellos hacen, a mí me dolió decirles que nada. Los revolucionarios venezolanos ignoran que su revolución es ignorada. «La revolución bonita» como le llama Chávez es una revolución silenciada. A pesar de todo Bolívar vive y la lucha sigue. Y estemos seguros que va a seguir.

*[sacerdote y poeta nicaragüense]

Poucas Palavras

No morirá la flor de la palabra.
Podrá morir el rostro oculto de quien la nombra hoy,
pero la palabra que vino desde el fondo de la historia y
de la tierra ya no podrá ser arrancada
por la soberbia del poder.

(E.Z.L.N.)

“Una buena muchacha de casa decente no puede salir, que diría la gente domingo en la misa si saben de ti, que dirían los amigos, los viejos vecinos que vienen aquí, que dirían las ventanas tu madre y su hermana y todos los siglos de colonialismo español que no en valde te ha hecho cobarde, que diría Dios, sin el alma, sin la iglesia y sin la ley?”

(Silvio Rodriguez)

Que os justos
avancem.

Avancem!

Ainda que sejam
imperfeitos
e estejam feridos

(Mario Benedetti)

“As boas meninas
vão pro céu.

As más meninas
vão pra onde elas querem”

(sabedoria popular)

Quando os
dominadores falarem,
falarão também os
dominados.

Quem se atreve a dizer:
“Jamais?”

De quem depende a
continuação desse domínio?

De quem depende
a sua destruição?

Realmente de nós.

Os caídos que se levantem!

Os que estão perdidos,
que lutem!

(Brecht)

Acrósticos de 8 de março

Muitas

Únicas

Lendárias

Heroínas

Especiais

Raras

Místicas

Unidas

Levianas

Humanas

Espertas

Risonhas

(Beto Cabelo)



Reforma Agrária em Números

O governo Lula assentou 117 mil famílias; a meta é de 400 mil até 2006.

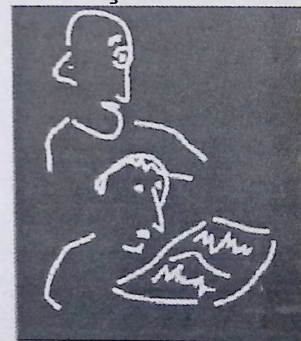
A agricultura familiar responde por 38% do Valor Bruto da Produção Agropecuária; consome só 25,3% do crédito.

Ocupa 77% da mão de obra no campo.

Engloba 4,1 milhões de estabelecimentos agrícolas, ou 84% do total.

Apenas 0,8% dos imóveis no país têm mais de 2.000 ha, ocupam 31,6% da área total.

Inscrições Abertas



**CURSINHO
POPULAR**
dos Estudantes da USP
A Partir de R\$ 80,00

Informações

Rua da Consolação, 1909

3258-1436 / 3231-0692

www.acepusp.org.br

Bolsas de Estudo mediante avaliação

A imagem da esperança latino-americana

Assim como os filmes "Adeus, Lênin", "Invasões Bárbaras", "Durval Discos" e "Os Sonhadores", o filme "Machuca" de Andreas Wood parte da vida privada para versar sobre o público. Com uma carga emotiva muito equilibrada, o filme consegue fazer rir, chorar e não deixa de politizar até mesmo o espectador que pouco ou nada sabe sobre o golpe militar no Chile em 1973.

Podemos dividir "Machuca" em três momentos distintos, usando das transformações que ocorrem num muro. A inscrição "Não à Guerra Civil" orienta o primeiro momento do filme, no qual a idealização do diretor do Colégio "Saint Patrick" de unir garotos pobres e ricos expressa o clima de esperança e transformação, característico do governo Salvador Allende. A película demonstra a enorme vitalidade do governo popular chileno, sem esconder as dificuldades enfrentadas. O "Não à guerra civil" destaca os espaços de gênese de uma nova sociedade, ou seja, a oportunidade de evitar o conflito, deixando que os seres humanos enquanto tais se resolvam, o que seria no fundo a realização do ideal do diretor do Colégio.

Contudo, a narrativa se desenrola no campo onde essa transformação é mais complexa e carregada de contradições, o campo da vida privada, da família e do grupo de amigos. Nele, se esboçam as dificuldades que a família de Machuca tem para sobreviver, em contraste com a de Gonzalo, que

ataca Allende e compra exageradamente produtos contrabandeados. Pouco a pouco, o convívio acumula contradições que freiam esse momento de otimismo.

O segundo momento é marcado pelo apagamento do "não" na inscrição do muro, em que o chamado "à guerra civil" desafia as personagens à superação de seus interesses particulares para a resolução do conflito público. Desde de então, todo o peso dramático do filme é colocado em Gonzalo. Ele é a personagem que condensa todas as contradições e, por isso, tem sua vida privada invadida pelas tensões públicas, por exemplo, ao ser atacado pelo pai de Machuca ou ao ter que assistir a briga de sua mãe com Silvana. Entretanto, o garoto Gonzalo não é capaz de solucionar todas essas questões, pois estão fora de seu alcance.

Mesmo concentrando-se nas relações privadas, o longa-metragem "Machuca" é bastante feliz ao demonstrar que elas são incapazes de resolver a esfera pública. Sempre que Gonzalo é atingido individualmente, os laços emocionais com os amigos pobres são desfeitos. E esta é a barreira que o menino não consegue ultrapassar e que evidencia a incapacidade de construção de algo novo, em meio às dificuldades impostas pela realidade do país e pela terrível elite chilena, em que o filme tão bem caracterizou na mãe de Gonzalo e no seu amante, interpretado pelo famoso ator Federico Luppi (de "Lugares Comuns", 2002).

No terceiro momento, o

muro branco muito tem a dizer com o vazio. Afinal, a ditadura de Pinochet é a ausência de qualquer esperança ou de disputa hegemônica, tornando-se o contrário de toda a vitalidade do primeiro momento, quando o governo Allende favorecia o desenvolvimento humano e social. A ausência de Machuca na sala de aula e a negação de Gonzalo em participar daquela farsa educacional que se estabelecia, ilustram muito bem o ambiente nefasto da ditadura Pinochet ao desenvolvimento humano. E quanto mais longe ficamos de Allende, mais temos dificuldades em nos separarmos do vácuo construído por Pinochet e pelas várias ditaduras latino-americanas. Nesse processo, o choro engasgado de Gonzalo em olhar, ao anoitecer, para o campo que o levava à casa de Machuca, é também nosso.

Pela sua ênfase psicológica e emocional, "Machuca" consegue absorver um público mais amplo, sem deixar de resgatar esse momento crucial da história latino-americana, fazendo das relações privadas uma ponte à discussão dos aspectos coletivos e eminentemente políticos. E como todos os filmes que se utilizam dessa opção, "Machuca" termina com mais dúvidas do que respostas. Talvez seja por isto que o título do filme seja Machuca e não Gonzalo. Pois, se o último é uma peça chave e densa que elucida os conflitos da sociedade chilena, o primeiro é a esperança, a promessa de resolução dos conflitos e a imagem que deve ficar.



Depoimento

Voz da Rua

"A gente tem que ser humilde, ser paciente... E as coisas vão clareando aos poucos. Cada dia que nasce é uma nova esperança. E fé em mim e fé em Deus ao mesmo tempo. E não pode parar de ter fé, senão a gente vai ficar jogado na calçada... Sempre acende uma luzinha lá no fim do túnel, lá longe... A pessoa tando viva, ela tem força de vontade, sempre abre porta. Quantas e quantas vezes que eu me vi nessa situação e sempre acendeu uma luzinha... Lá longe... Eu fui atrás e achei a saída. Viu?"

[Fala de morador de rua - Realejo-26° Bienal de SP]

Dia Internacional da Mulher



Leia, colabore e distribua A Palavra Latina

A partir desta edição, A Palavra Latina passa a ser vendida por R\$ 1,00, de forma a manter vivo este projeto editorial popular e independente, que ora completa um ano.

Adquirindo este exemplar, você obtém informação crítica acerca dos principais acontecimentos de nossa época e contribui com a renda de nossos vendedores de rua - militantes do movimento social - que ganham R\$ 0,55 por jornal vendido.

Postos de vendas: Universidade de SP (Butantã, Pinheiros, S. Francisco e Zona Leste), PUC, Centro Cultural de S. Paulo, MASP, Rua Augusta, Praça da República, Biblioteca Mário de Andrade, sedes centrais do PT, PSOL, PSTU, MST-SP, Central de Movimentos Populares e em algum lugar das ruas de São Paulo.

A Palavra Latina é um projeto aberto a todos que queiram se somar à luta por uma imprensa democrática.

Para colaborar com artigos, escreva para: apalavralatina@yahoo.com

Para participar do grupo de vendas compareça ao:

Espaço Cultural da Acepusp, Rua da Consolação, 1909 - São Paulo - tel. 3231-0692

Nossas reuniões políticas são abertas a todos. Entre em contato.